

Presença da Padaria Espiritual na História da Imprensa e das Artes no Ceará**Luciana BRITO***

Resumo: A Padaria Espiritual foi uma das mais singulares agremiações culturais tanto do Ceará como do Brasil. Por ela passaram escritores que ajudaram a compor parte significativa da atividade artística e da imprensa na província cearense. O intuito de seus idealizadores era despertar, na sociedade, o gosto pela arte. Como já havia precedentes de sociedades artísticas, muitas delas de caráter formal e retórico, eles decidiram produzir algo original e até mesmo escandaloso, que repercutisse no gosto do povo. Antônio Sales redigiu seu programa de instalação e foi um dos principais responsáveis pela publicação do jornal da agremiação, *O Pão*. A Padaria Espiritual não era uma sociedade exclusivamente das Letras, mas das artes em geral, pois o grêmio contou tanto com prosadores e poetas, quanto com pintores, desenhistas e músicos.

Palavras-chave: Padaria Espiritual. Imprensa Literária. Arte Cearense.

The presence of Padaria Espiritual in the History of Press and Arts in Ceará

Abstract: Padaria Espiritual (Spiritual Bakery) was one of the most unique cultural associations in Ceará and in Brasil as a whole. Many writers were involved with the association and helped to form a significant part of its artistic activities and publishing in the province of Ceará. The intention of its members was to awaken society's taste for art. As there had already been a number of artistic societies, however, many of them of a formal and rhetorical character, they decided to produce something original and even scandalous which would have an impact on the public's taste. Antonio Sales laid out the guidelines for the organisation and was one of the major contributors to the publication of the association's newspaper, *O Pão* (The Bread). Padaria Espiritual was not a society created exclusively for literature, but for arts in general, as its members consisted not only of writers and poets, but also painters, designers and musicians

Keywords: Padaria Espiritual (Spiritual Bakery). Literary Press. Cearense Art.

Vejo, com grande prazer, que os "Padeiros" não dormem: – o sinal é precursor de uma mentalidade nova na terra de Iracema. Peço,

* Professora Doutora Adjunta – Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, Campus de Jacarezinho – Rua Padre Melo, 1200, Centro, CEP: 86400-000, Jacarezinho, Paraná, Brasil. E-mail: lbrito@uenp.edu.br.

pois, que me contemplem entre os seus apreciadores e não desanimem. O futuro é dos que trabalham.

Araripe Júnior

No final do século XIX, o panorama intelectual cearense viveu uma das suas fases mais propícias, pois era um momento de grande agitação de ideias, em que brotavam importantes associações culturais e literárias e a classe letrada participava com veemência da vida política cearense das campanhas cívicas em curso no país.

A semente fecunda dessa floração admirável, sob muitos pontos de vista, fora a Academia Francesa¹ (1873-1875) que, fundada por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes e Tomás Pompeu Filho, combateu veemente os setores mais tradicionais da sociedade cearense, entre eles a Igreja Católica, ao mesmo tempo que disseminou a ideologia do progresso, seja relacionada ao regime republicano seja ao conhecimento científico-tecnológico. Para reeducar a população, tendo como intuito acelerar a transformação da pequena Fortaleza em um grande centro industrial, os integrantes da Academia Francesa criaram, em 1874, um espaço de sociabilidade e reflexão intelectual, onde realizaram palestras e debates sobre religião, eletricidade, direito, Estado, entre outros assuntos, denominado Escola Popular (1874-1875). Os temas discutidos levantavam polêmicas quanto aos rumos a serem seguidos pelos cearenses, que deviam distanciar-se dos valores religiosos e aproximarem-se da realidade das máquinas e das ciências, como havia ocorrido em Paris, Londres, Viena, e outras cidades europeias.

Esse ardor de uma juventude fecunda, que aliava as riquezas da inteligência criadora às causas cívicas em que se empenhava, deu ao último quartel do século XIX cearense uma feição toda peculiar, que o distinguiu sobremaneira. Vencendo as dificuldades de se viver em uma Província afastada dos grandes centros do País, os jovens intelectuais, que, desde muito cedo, revelavam o gosto pelas agremiações, com matizes diversos, apropriaram-se convictamente das novas doutrinas nascidas das correntes do pensamento contemporâneo, sopradas da Europa, especialmente da França, e passaram a refletir sobre diversos ramos do conhecimento e da arte.

A última afirmação foi sugerida por Afrânio Coutinho (1981), em um ensaio sobre Capistrano de Abreu, um dos membros da Academia Francesa. Nesse ensaio, em cuja introdução se sugerem as necessárias investigações sobre o fenômeno cultural cearense, o referido ensaísta defende a opinião de que o movimento do Ceará é paralelo ao do Recife e não seu caudatário. Entre os vários argumentos favoráveis ao seu ponto de vista, cita a diferença de orientação seguida por ambos, predominando no Recife o pensamento alemão, em virtude do tão falado germanismo de Tobias Barreto, ao passo que o Ceará se inclinava para a cultura francesa.

Nesse contexto, como já mencionado, vários intelectuais cearenses formavam agremiações, espaços de sociabilidade onde discutiam os mais variados assuntos: literatura, ciências, artes, filosofia, religião, eletricidade, direito, Estado, política. O escritor cearense Leonardo Mota (1938), procurando fazer um levantamento das academias, associações e grêmios literários que surgiram entre 1870 e 1939, responsáveis pela propagação das letras no Ceará, concluiu que, de 1870 até 1900, foram trinta e sete os grupos que, com maior ou menor intensidade, atuaram no contexto das letras cearenses. Entre essas sociedades se destacam: a Fênix Estudantil (1870), a Academia Francesa (1873), o Club Literário Cearense (1884), a Sociedade Rocha Lima (1884), o Grêmio Literário (1885), o Club Literário (1887), a Padaria Espiritual (1892), o Centro Literário (1894), a Academia Cearense (1894), a Iracema Literária (1899). No Ceará, foi mediante a ação dessas associações, revistas e jornais literários, que lhe serviram de órgãos, que as letras cearenses se frutificaram. Entre essas sociedades, algumas tiveram existência efêmera, outras, vida intensa e fecunda, como é o caso da Padaria Espiritual, uma das experiências literárias mais distintas da cultura cearense. Por ela passaram escritores que ajudaram a compor parte significativa da atividade literária e da imprensa no Ceará.

Além de se dedicarem à atividade literária, os integrantes da Padaria Espiritual também participaram dos debates políticos, econômicos e sociais que ocorreram na província cearense. Na época do surgimento do grêmio, final do século XIX, o país estava passando por grandes transformações na área política e econômica, entre as quais se pode ressaltar a transição da monarquia para a República e, simultaneamente, o aumento das relações comerciais entre a economia nacional e as potências do capitalismo industrial. Tais acontecimentos inspiraram os padeiros a terem uma atitude engajada diante das transformações pelas quais passava o Brasil e, por consequência, o Ceará.

Dividida entre os diversos discursos existentes na época – que iam dos monarquistas, passando pelos republicanos, até os restauradores – a Padaria Espiritual, diferente da maioria dos grupos anteriores, como é o caso dos Oiteiros e da Academia Francesa – formados por republicanos exaltados, defensores do progresso e do industrialismo que acreditavam ser a ordem capitalista-civilizatória o melhor modo de vida para os indivíduos daquele tempo –, optou por satirizar os valores capitalistas que procuravam uniformizar todas as alteridades culturais em um só paradigma, dispondo a população ao trabalho disciplinado e ao acúmulo de dinheiro e bens efêmeros, ao mesmo tempo que valorizou a diversidade das experiências presentes na pequena Fortaleza do século XIX.

Os padeiros, em sua maioria, preocupados com a preservação da diversidade popular local reprimida pelas teorias monopolistas vindas das potências industriais, elegeram o modo de vida cearense como definidor do caráter nacional. Daí, a preocupação

de vários padeiros com a organização de um cancioneiro popular e a valorização do ambiente e da cultura cearense.

A Padaria Espiritual foi fundada no dia 30 de maio de 1892, com inauguração festiva no Café Java, de Mané Coco, na Praça do Ferreira, em Fortaleza. Dolor Barreira (1948), descrevendo o surgimento do grêmio, comenta que a Padaria Espiritual originou-se das reuniões de um “pugilo de moços”, que se encontravam para conversar sobre literatura nas mesas do Café Java, de Mané Coco, “o homem que não usava gravata, que era amigo dos intelectuais cearenses e cuja única erudição consistia no conhecimento de D. João, de Guerra Junqueiro, que ele sabia de cor de ponta a ponta e do qual recitava trechos a propósito de tudo e mesmo sem propósito algum” (BARREIRA, 1948, p. 138-9).

Esse grupo do Café Java foi o embrião da Padaria Espiritual, uma das mais singulares agremiações culturais tanto do Ceará como do Brasil. No Rio de Janeiro, onde nem sempre eram vistas as atividades das províncias, a originalidade de seu programa e o fruto do seu trabalho repercutiram triunfantemente. Araripe Júnior, cearense, mas radicado no Rio de Janeiro, onde brilhava como um dos grandes críticos de sua época, impressionou-se com a originalidade do novo grêmio e escreveu:

A pátria de Iracema, que sempre se tem distinguido pelo filoneísmo, não devia ficar indiferente à renovação da poesia. A curiosidade de alguns moços foi despertada pelas notícias de que alguma coisa se passava no mundo das letras, e então, fazendo reviver a tradição de Rocha Lima, agremiaram-se em 1892 e fundaram uma sociedade a que deram o nome de Padaria Espiritual. Esse clube literário, sob formas excêntricas, ergueu o pendão do nacionalismo, sem quebra do culto da arte universal. (ARARIPE JÚNIOR, 1963, p. 151).

A ideia do grupo era despertar, nos cearenses, o gosto pela literatura que andava um pouco esquecida. Como já havia precedentes de sociedades literárias, muitas delas de caráter formal e retórico, eles decidiram que só valeria a pena se fosse algo novo, original e até mesmo escandaloso, que repercutisse no povo. Primeiramente, Antônio Sales deu nome ao grêmio – Padaria Espiritual – e, em seguida, redigiu seu programa de instalação, que foi um verdadeiro sucesso. O programa era totalmente diferente de tudo que até então havia sido produzido, resultando, daí, o extraordinário êxito do grêmio cearense. Eis os quatro primeiros artigos do Programa de Instalação (Programa de Instalação da Padaria Espiritual apud MOTA, 1938, p. 28):

1 – Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da Terra da Luz, antigo Siará (sic) Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes denominada – Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios em particular e aos povos em geral”. 2 – A Padaria Espiritual se comporá de um Padeiro-mor (presidente), de dois Forneiros (secretários),

de um Gaveta (tesoureiro), de um Guarda-Livros, na acepção intrínseca da palavra (bibliotecário), de um investigador das Coisas e das Gentes, que se chamava – Olho de Providência, e os demais amassadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de – Padeiros. 3 – Fica limitado em vinte o número de sócios, inclusive a Diretoria, podendo-se, porém, admitir sócios honorários que se denominaram Padeiros-livres. 4 – Depois da instalação da Padaria, só será admitido quem exhibir uma peça literária ou qualquer outro trabalho artístico que for julgado decente pela maioria.

Esse Programa de Instalação, bem cedo, impôs a Padaria Espiritual à curiosidade e à simpatia nacional, pois era algo novo que quebrava o marasmo em que jaziam as letras cearenses. Por isso, a plataforma de apresentação dos padeiros foi transcrita em quase todos os jornais do Brasil.

O escritor Antônio Sales deve ser considerado um dos principais idealizadores da agremiação, pois, além de ser seu principal fundador e animador, foi o responsável, como já citado anteriormente, por esse interessantíssimo programa. De acordo com Pedro Nava, Adolfo Caminha, rememorando como a Padaria Espiritual surgiu, desvaloriza a importância da figura de Antônio Sales, todavia, salienta o memorialista:

Não pensam assim Jorge Brandão Maia, Leonardo Mota, Dolor Barreira e Herman Lima – que muito justamente dão a César o que é de César e a Sales o que é de Sales. Esse mesmo, que não gostava de vestir-se das plumas alheias do pavão, mas que não deixava que lhe arrancassem as folhas difíceis de sua jurema – reivindicava para si aquela qualidade. O nome foi achado por ele. Foi ele o autor do seu programa. Foi ele o presidente da primeira sessão e só não continuou no cargo porque fez questão de passá-lo a Jovino Guedes. Era ele a principal figura dos precursores, do grupo de intelectuais que se reunia diariamente no Café Java, à Praça do Ferreira, para ali discutir de letras e artes. (NAVA, 1973, p.86).

Também foi ele o responsável pela publicidade do grêmio. Para tanto, distribuiu números d'*O Pão*, o jornal da Padaria Espiritual, por todo o canto do país, visando divulgar as ideias do grupo, fez homenagens a vários homens das letras e estabeleceu contato com os escritores mais conhecidos da cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal. Tal publicidade, além de imortalizar a agremiação na historiografia literária brasileira, também serviu para tornar Antônio Sales conhecido no eixo Rio/São Paulo, centro das discussões intelectuais da época.

Na época da fundação, a agremiação teve 20 sócios e todos usavam pseudônimos, ou melhor, “nome de guerra”, pelo qual seriam tratados e poderiam assinar seus trabalhos: Jovino Guedes (1859-1905) - Venceslau Tupiniquim; Antônio Sales (1868-1940) - Moacir Jurema; Tibúrcio de Freitas (? -1818) - Lúcio Jaguar; Ulisses Bezerra (1864-1920) - Frivolino Catavento; Carlos Vitor (?-1894) - Alcino Bandolim; José de Moura Cavalcante (1865-1920) - Silvino Batalha; Raimundo Teófilo de Moura (1872-?) - José Marbri; Álvaro Martins (1868-

1906) - Policarpo Estouro; Lopes Filho (1868-1900) - Anatólio Gerval; Temístocles Machado (1874-1921) - Tulio Guanabara; Sabino Batista (1868-1899) - Satiro Alegrete; José Maria Brígido (1870-?) - Mogar Jandira; Henrique Jorge (1870-1928) - Sarasate Mirim; Lívio Barreto (1870-1895) - Lucas Bizarro; Luís Sá (1845-1895) - Corrégio Del Sarto; Joaquim Vitoriano (? -1894) - Paulo Kandalaskaia; Gastão de Castro (? - ?) - Inácio Mongubeira; Adolfo Caminha (1867-1897) - Félix Guanabarin; José dos Santos (? - ?) - Miguel Lince; João Paiva (? - ?) - Marco Agrata.

Ao reorganizar-se em 28 de setembro de 1894, a Padaria Espiritual ganhou mais 14 integrantes: Antônio de Castro (1872-1935) - Aurélio Sanhaçu; José Carlos Júnior (1860-1896) - Bruno Jaci; Rodolfo Teófilo (1853-1932) - Marcos Serrano; Almeida Braga (? - ?) - Paulo Giordano; Valdemiro Cavalcante (1869-1914) - Ivan de Azof; Antônio Bezerra (1841-1921) - André Carnaúba; José Carvalho (1872-1933) - Cariri Braúna; Xavier de Castro (1858-1895) - Bento Pesqueiro; José Nava (1876-1911) - Gil Navarra; Roberto de Alencar (1879-1898) - Benjamim Cajuí; Francisco Ferreira do Vale (1856-1918) - Flávio Boicinga; Artur Teófilo (1871-1899) - Lopo de Mendoza; Cabral de Alencar (1877-1915) - Abdul Assur; Eduardo Sabóia (1866-1918) - Brás Tubiuna.

De acordo com o “Programa de Instalação”, os sócios eram chamados de “Padeiros”, sendo “Padeiro-Mor” o presidente, “Forneiros” os secretários, “Gaveta” o tesoureiro, “Guarda-Livros” o bibliotecário; os demais sócios eram “Amassadores”. As sessões chamavam-se “Fornadas” e eram realizadas no “Forno”, e o jornal da agremiação titulava-se *O Pão*.

Cabe salientar que as funções de Padeiro-Mor estiveram sucessivamente em mãos de Jovino Guedes, José Carlos Júnior e Rodolfo Teófilo. A presidência de Jovino Guedes iniciou-se com a fundação do grêmio e foi até 05 de outubro de 1894, constituindo a fase mais boêmia e excêntrica. A de José Carlos Júnior, que veio logo em seguida, findou-se com o seu falecimento a 29 de maio de 1896, ficando conhecida como o período mais brilhante da vida da instituição. A de Rodolfo Teófilo, iniciada em 19 de julho de 1896, terminou a 20 de dezembro de 1898, último dia de reunião dos padeiros.

Em relação ao perfil dos padeiros, nada melhor para defini-lo que a seguinte frase de Araripe Júnior (1963, p. 151):

Joviais, pregando a alegria e buscando no equilíbrio das faculdades toda sua força, esses rapazes, que em sessão tiram o chapéu da cabeça somente quando se fala em Homero, Shakespeare, Dante, Goethe, Hugo, Camões e José de Alencar, instituíram-se em guerra aberta contra a rotina e criaram uma nova excomunhão para poetas insensatos e principalmente para aqueles que costumam falar de animais ou plantas estranhas à fauna e à flora brasileira, como cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc.

Não deixa de ser admirável a ânsia que esses rapazes tinham da renovação, pois apesar de exaltarem respeitosamente a memória de Homero, de Shakespeare, de Dante, de Hugo, de Goethe, de Camões e de José de Alencar, passarão a combater tudo aquilo que lhes parecia ultrapassado e inadequado à literatura nacional. É mais admirável ainda que, numa província do norte, jovens intelectuais estivessem cansados, à moda de Malherbe, dos recitativos ao piano, do tom oratório, dos versos nos álbuns das donzelas e, sobretudo, cansados das referências a nomes de animais e de plantas estranhas ao Brasil, em textos literários.

Em sua maioria, os padeiros eram caixeiros, funcionários da alfândega, escritores menores, oriundos dos setores médios e baixos de Fortaleza e do interior cearense que buscavam ascensão social. Enveredar pelo mundo das letras e destacar-se como um talentoso literato seria uma conquista digna de louvor em se tratando de rapazes que receberam as primeiras instruções educacionais no ambiente familiar ou nos gabinetes de leitura e que não possuíam nenhum tipo de apadrinhamento ou linhagem familiar. A restrita carreira de homem de letras, entre outras coisas, era vista como uma forma de ascensão social e, por consequência, de distanciamento das penosas jornadas de trabalho, em geral braçais.

A Padaria Espiritual teve duas fases: a primeira estendeu-se da sua fundação, em 30 de maio de 1892, até sua reorganização, datada de 28 de setembro de 1894; a segunda, iniciada com a sua reorganização, vai até sua última sessão, com data de 20 de dezembro de 1898. Para a maioria dos estudiosos, a sua primeira fase teve um caráter de brincadeira, na qual os padeiros procuravam impressionar pela excentricidade dos atos, pelas atitudes imprevistas.

Assim descreve Sânzio de Azevedo (1982, p. 71) essa primeira fase:

[...] a primeira, cheia de espírito, timbrando acima de tudo pela pilhéria, era a época em que, da sacada do segundo prédio que serviu de sede ao grêmio, um dos padeiros, de barbas postiças, fazia conferência para o povo da rua, tempos em que o Mané Coco embandeirava o Café Java, distribuía aluá aos fregueses, e soltava um imenso balão com o letreiro “Padaria Espiritual”, a fim de levar ao Padre Eterno as notícias dos feitos do grêmio; faziam-se piqueniques onde os padeiros, ao som de violinos, conduziam um pão de três metros de comprimento.

Apesar do espírito humorístico com que a Padaria Espiritual se apresenta nessa primeira fase, a verdade é que houve sessões, melhor dizendo “fornadas”, extremamente produtivas, nas quais eram lidas produções inéditas, pertencentes aos futuros livros para os quais já se apontavam títulos, discutia-se o formato e até a cor da capa.

A segunda fase é considerada mais séria, pois é o momento em que os padeiros passam a se preocupar com a publicação de livros, assuntos relacionados às letras e às artes, promoção de festivais, a recepção de artistas visitantes que passavam pela região, entre outros.

Comentando essa fase, Dolor Barreira, utilizando-se das considerações do padeiro Adolfo Caminha, salienta que:

Na sua aludida segunda fase, a “Padaria Espiritual” apresenta-se, na sua fase cáustica de Adolfo Caminha, como uma sociedade literária grave, ajuizada, com uma ponta de oficialismo (*sic*), sem os ideais de outro tempo, sem aquela orientação nova, sem aquelas audácia que faziam dela um exemplo a imitar, alguma coisa superior a um rebanho de ovelha [...]. (BARREIRA, 1948, p. 147).

Logo adiante, ele acrescenta que, nem por isso, eram menores a jovialidade e expansão comunicativa da Padaria Espiritual. Entremendo “as leituras, vinham os comentários espirituosos, as pilhérias felizes, e as impagáveis histórias de Antônio Bezerra, que ele narra com todo o chiste de um consumado Diseur” (BARREIRA, 1948, p. 151).

Escrevendo sobre essa segunda fase, Sânzio de Azevedo (1982, p.150) comenta que seria o momento em que, deixando de existir o Forno, as reuniões se faziam uma vez por semana na casa dos padeiros “que tinham casa”, como pitorescamente informa Antônio Sales. Segundo ele, essa fase, “menos boêmia, mas nem por isso alheia às brincadeiras e às anedotas, caracterizou-se por maior seriedade nos trabalhos e sobretudo pela publicação de quase todos os livros da sociedade” (AZEVEDO, 1982, p. 151). Os livros a que se refere o estudioso são os seguintes: *Versos*, de Antônio de Castro (1894); *Flocos*, de Sabino Batista (1894); *Contos do Ceará*, de Eduardo Sabóia (1894); *Cromos*, de Xavier de Castro (1895); *Trovas do Norte*, de Antônio Sales (1895); *Dolentes*, de Lívio Barreto (1897); *Marinhas*, de Antônio de Castro (1897); *Maria Rita*, de Rodolfo Teófilo (1897); *Perfis sertanejos*, de José Carvalho (1897); e *Violação*, de Rodolfo Teófilo (1898).

Deve-se ressaltar que nem todos os padeiros acompanharam a Padaria Espiritual do princípio ao fim. Muitos adoeceram ou morreram cedo, como é o caso de Artur Teófilo, José Carlos Júnior, Lívio Barreto, Lopes Filho, Sabino Batista e Xavier de Castro. Outros se dispersaram para outros estados, entre os quais estão Antônio Sales, Cabral de Alencar, José Nava e Roberto de Alencar. Finalmente, outros, por falta de capacidade de viver em grupo ou por inimizade, deixaram a agremiação, como é o caso de Temístocles Machado e Álvaro Martins, que fundam o Centro Literário e atacam os antigos confrades pela imprensa da província e da Capital Federal; e, Adolfo Caminha, Eduardo Sabóia e Tibúrcio de Freitas que passam a hostilizar os padeiros por meio da imprensa carioca.

Lutando contra a “indesejada das gentes”, a dispersão e a inimizade, a Padaria Espiritual conseguiu, com muito esforço, se impor à cidade, à província, ao país como um grupo literário e artístico de grande importância, sendo consagrada pelas visitas de escritores renomados, como é o caso de Pardal Mallet e Raimundo Correia. No quarto mês de vida da agremiação, mais precisamente em setembro de 1892, de regresso do Cucuí, o escritor Pardal Mallet registrou o seguinte no Livro de Ouro da Padaria Espiritual:

Crescido na solidariedade de um grupo que conta em seu seio Paula Nei, Artur e Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Luiz Murat, Coelho Neto e outros; cresci num grupo que fez da Amizade a sua melhor força, eu sinto uma verdadeira alegria em ver na “Padaria Espiritual” a mesma ideia (*sic*) de união arregimentando a moderna falange cearense. É nesta solidariedade que está o segredo das futuras e garantidas vitórias, que a todos hão de definitivamente consagrar no mundo artístico brasileiro. (Livro de Ouro da Padaria Espiritual apud MOTA, 1938, p.50-51).

Depois de registrar que não havia conseguido, no Ceará, uma solução para seus problemas de saúde, um dos motivos que o levaram à província, Raimundo Correia admite uma grande intimidade com a agremiação. Diz ele em uma carta enviada ao padeiro Antônio Sales:

O que eu trouxe, sim, da minha viagem, foi uma grata lembrança da nossa curta vivência ahi (*sic*). Nunca se me apagará d'alma a viva recordação, que lhe imprimiram, tu e outros rapazes de coração e talento, que ahi (*sic*) formam a tua roda. E ainda me falas do isolamento de vocês do sul, centro do nosso escasso movimento literário. Como te enganas tu, e quão fácil te seria acreditar no contrário! Com certeza não sei o que o vosso centro d'aí deve invejar do nosso. Aqui já não se escreve, senão mui raramente, com a confiança, a originalidade e a espontânea inspiração que se sentem nos escritos, que por lá tive ocasião de ler. [...] O exemplo de união e solidariedade, que vocês nos deram, talvez nos faça algum bem aqui; mas é preciso que toda a obra da “Padaria” seja aqui conhecida e atue vibrantemente sobre os nervos d'essa rapaziada enferma e desunida. (Carta enviada à Padaria Espiritual apud VAL, 1960, p. 225).

Algum tempo depois de visitar os padeiros, Raimundo Correia receberia de Antônio Sales o convite para ser um dos sócio-correspondentes da Padaria Espiritual. A agremiação teve vários correspondentes em todo o Brasil: Araripe Júnior, Olavo Bilac, Coelho Neto, Clovis Bevilacqua, Raimundo Correia, Garcia Redondo, Augusto de Lima e Afonso Celso. Sua relação com os correspondentes foi muito produtiva. Afonso Celso dedicou-lhe o romance *Um invejado*; Raimundo Correia visitou-a em agosto de 1894, como já informado, e a presenteou com inúmeros livros; Araripe Júnior, Coelho Neto, Clóvis Bevilacqua, Garcia Redondo e Augusto de Lima, além de incentivarem os padeiros a publicarem *O Pão*, também enriqueceram a biblioteca da agremiação com vários de seus livros.

Estando fora do circuito literário principal, o eixo Centro-Sul, onde ocorriam os debates na época, os padeiros encontraram nos sócio-correspondentes atuantes no cenário nacional a solução para o reconhecimento do grêmio pelos escritores do eixo e, por consequência, a sua aceitação em todo o cenário intelectual brasileiro. Antônio Sales foi o principal responsável por esse intercâmbio. Foi ele que, após redigir e publicar o folheto Programa de Instalação, enviou-o a vários intelectuais brasileiros que, algum tempo depois, também receberam dele o convite para serem correspondentes da agremiação. Contando com a ajuda desses intelectuais, a Padaria Espiritual tornou-se conhecida entre os diversos segmentos letrados da sociedade brasileira do final do século XIX.

Entre os correspondentes do grêmio, alguns tiveram suas produções publicadas no jornal *O Pão*. São eles Augusto de Lima, Raimundo Correia e Garcia Redondo. Augusto de Lima teve publicado no n.º 27, de 1.º de novembro de 1895, um soneto chamado “Antítese”. No n.º 25, datado de 1.º de outubro de 1895, foi publicado um poema de Raimundo Correia chamado “Em voz baixa” que, segundo os padeiros, era inédito. Garcia Redondo, assim como os dois outros correspondentes, publicou apenas um poema no jornal, “Seguidilha”, em 15 de setembro de 1895, n.º 24.

A Padaria Espiritual não era apenas de uma sociedade exclusivamente das Letras, mas das artes em geral, pois o grêmio contou tanto com prosadores e poetas (Antônio Sales, Adolfo Caminha, Lopes Filho, Lívio Barreto e vários outros), quanto com um pintor e desenhista, Luís Sá, e ainda dois músicos, os irmãos Henrique Jorge e Carlos Vitor. Referindo-se a Luiz Sá, Leonardo Mota escreve que, numa das primeiras “fornadas”, ele desenhou, na parede, os nomes dos padeiros, conquistando muitas palmas pela primorosa execução do seu trabalho, sobretudo “pela maneira inspirada com que interpretou a psicose (*sic*) de alguns nomes, principalmente o de Álvaro Martins” (MOTA, 1938, p.47).

Mais adiante, ele comenta que numerosas noitadas da Padaria Espiritual foram animadas pelo violino de Henrique Jorge. No dia 18 de setembro de 1895, por exemplo, acompanhado ao piano por Dinorá Nava, ele executou um trecho do “Il Trovatore” e:

[...] o fez com tão vibrante emoção artística, com tal dose de sentimento a sacudir-lhe os nervos, que todos ficaram sendo como que joguetes de seu arco, agulha mágica a bordar, em seus vai-vens, arabescos de sensações profundas na tela das almas circunstantes. (MOTA, 1938, p. 48).

Por causa das constantes referências, por parte dos padeiros, ao estabelecimento de Mané Coco, o Café Java, muitos poderiam pensar que a Padaria Espiritual sempre funcionou nesse local, todavia, só nos primeiros dias e, mais tarde, apenas esporadicamente, o Café Java serviu de ponto de encontro dos padeiros. As outras sedes da agremiação localizaram-se sucessivamente nos prédios n.º 105, 106 e 11 da Rua

Formosa (Barão do Rio Branco). Do primeiro prédio saíram porque o proprietário irritou-se com a falta de pagamento dos aluguéis; do segundo, porque o estabelecimento ameaçava desabar e, finalmente, do terceiro, porque deliberaram que as reuniões, isto é, as “fornadas”, seriam realizadas na casa dos próprios padeiros. Durante a presidência de Rodolfo Teófilo, as “fornadas” eram realizadas em sua casa. Essas reuniões da agremiação quase sempre consistiam na leitura de peças clássicas e obras dos próprios padeiros, tudo regado a aluá, licores e vinhos; já os aniversários ou outras festas e comemorações eram festejados por meios de almoços ou jantares, com execução de obras musicais. O que não podia faltar a nenhum dos encontros era a execução da polca “Padaria Espiritual”, de autoria do flautista Nascimento.

A agremiação tinha seu hino e sua bandeira. O hino, cuja letra era do padeiro Antônio Sales, foi musicada pelo tenor A. Rayol, que estava de passagem por Fortaleza. No que diz respeito à bandeira, esta ficou sobre a proteção da esposa de Rodolfo Teófilo que, depois da morte da companheira, passou às mãos de Antônio Sales, que a entregou a 12 de dezembro de 1932, como informa Leonardo Mota (1938, p.116), ao Arquivo Público do Ceará.

Assim a descreve Pedro Nava (1973, p. 87):

Era em campo de goles e trazia com insígnias uma caneta plumada (*sic*) cruzada com uma espiga de trigo. De um lado um P e de outro um E. Por baixo, a divisa “Amor e Trabalho”. Essas armas eram usadas no papel de correspondência dos padeiros e na reprodução que tenho e que foi conservada por meu Pai.

Nota-se, após a leitura dos textos dos padeiros e de alguns artigos do Programa de Instalação da Padaria Espiritual, uma grande aversão e uma guerra declarada aos alfaiates, à polícia e ao clero. É o caso, por exemplo, do artigo XXVI do Programa de Instalação: “26 – São considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros – o Clero, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião de patentear seu desagrado a essa gente.” (Programa de Instalação da Padaria Espiritual apud MOTA, 1938, p. 29).

A palavra “alfaiate” apresenta-se, conotativamente, como símbolo de lucro, extorsão, vantagem, exploração. Já a corporação policial é considerada pelos padeiros uma instituição que impõe regras e serve ao poder. O programa da agremiação também menciona a aversão ao clero, visto como um grupo de aproveitadores que tiravam vantagem da fé alheia, porém, apesar de serem contra o clero, os padeiros não eram contra a religião católica. Mesmo considerando que havia ateus entre os integrantes do grupo, a maioria respeitava e acatava, à sua maneira, o catolicismo. *O Pão* n.º 6, de 24 de dezembro de

1892, por exemplo, é todo dedicado ao natal, a maioria dos poemas publicados tem, como tema, o nascimento do menino Jesus.

Os padeiros declaram guerra aos alfaiates, à polícia e ao clero, entretanto, a guerra mais ferrenha foi declarada ao burguês. Nos textos dos padeiros são muitas as críticas feitas ao burguês; existem até máximas sobre o assunto, como estas encontradas na seção “Saco de ostras”, dispostas nas colunas do jornal *O Pão*: “O nervo ótico de um burguês tem sua raiz no estômago”. (*O PÃO*, n.º 2, 1892, p. 8) / “A pança de um burguês é o princípio de seu castigo” (*O PÃO*, n.º 3, 1892, p. 2).

Pedro Nava (1973) traça, indiretamente, uma relação entre esse ódio declarado dos padeiros ao burguês e o que surgirá três décadas depois no poema “Ode ao burguês”, de Mário de Andrade. Uma das partes de seu livro *Baú de ossos*, em que o estudioso se refere ao espírito revolucionário da agremiação, tem, como epígrafe, os versos do escritor modernista. O burguês, a quem os padeiros e Mário de Andrade declaram guerra, representa o materialismo, a mediocridade da fortuna mal adquirida, o capitalismo esmagador de toda a humanidade.

A Padaria Espiritual era uma associação preocupada não apenas com as questões de ordem literária, mas também com os assuntos relacionados aos comportamentos e valores da época. Cabe salientar que a ideia de fornecer “pão de espírito aos sócios em particular e aos povos em geral”. (Programa de Instalação da Padaria Espiritual apud MOTA, 1938, p. 25), apresentada no primeiro artigo do Programa de Instalação, tem como intuito orientar os leitores a não serem tomados pela falsa realização material, resultante do intenso consumo de produtos industrializados, oriundos da filosofia burguesa, tão em voga na época. Preocupados em fornecer alimento ao espírito do povo, os padeiros vão contra a atitude burguesa de atender tão somente às exigências do “corpo”, pouco se importando com o aspecto espiritual.

Além do ataque ao segmento burguês da sociedade, também é necessário considerar que algumas das preocupações dos padeiros dispostas do “Programa de Instalação” antecedem a algumas das inquietações que mobilizaram os integrantes da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, como é o caso dos seguintes artigos:

14 – É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes.

21 – Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à Fauna e à Flora brasileira, como – cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc. (Programa de Instalação da Padaria Espiritual apud MOTA, 1938, p. 27-28).

Os dois artigos em questão apontam para uma aversão aos estrangeirismos, tão comuns à época, em prol de uma linguagem brasileira. A recomendação era trocar o

afrancesamento, em voga geral na província, pelo vernáculo tupiniquim, o que faz lembrar do “tupy or not tupy” dos modernistas.

Segundo o historiador Gleudson Passos Cardoso (2002, p. 24-5):

É bem provável que os sócios da Padaria Espiritual estivessem preocupados com a preservação da diversidade da cultura popular local. Pois (*sic*), naquele tempo de violenta imposição da racionalidade técnico-científica, as manifestações populares eram reprimidas tanto pelos aparelhos coercitivos como pela estética das “novidades de consumo” vindas com a economia monopolista das potências industriais.

Para os padeiros, impedir o avanço do sistema capitalista e, por consequência, do modo de vida burguês – o que não deve ser entendido como xenofobia, pois realmente os costumes regionais, ou melhor, a cultura cearense estava se transformando em hábitos disciplinados, ajustados à realidade dos grandes centros industriais – começava com a preservação da linguagem popular e dos costumes tradicionais. Em boa medida, a Padaria Espiritual já demonstrava isso, seja na aversão aos estrangeirismos, seja na valorização da diversidade da cultura popular, da qual resultou o Cancioneiro Popular que eles organizaram.

No artigo 34 do Programa de Instalação da Padaria Espiritual, lê-se: “A Padaria Espiritual obriga-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível, um Cancioneiro Popular genuinamente cearense” (apud MOTA, 1938, p. 30). Apesar da urgência com que os padeiros se referem à organização do Cancioneiro Popular, só depois de mais de quatro anos de vida da agremiação, isto é, nos números 33, 34 e 36 de *O Pão*, é que o trabalho teve início. Leonardo Mota (1938), estudioso do folclore cearense, informa ter sido o padeiro José Carvalho o encarregado da coleta. Prescrevia-se que o Cancioneiro fosse “genuinamente cearense”, e José Carvalho era o nome indicado para a realização de tal tarefa em benefício das letras folclóricas, pois, além de ser cearense (viera do sul do estado), também se relacionava com cantadores populares.

Todas as quadrinhas publicadas em *O Pão* foram aproveitadas, posteriormente, em 1903, por Rodrigues de Carvalho, folclorista que comemorou o centenário da colonização cearense com o seu livro *Cancioneiro do Norte*. Do livro do folclorista, as quadrinhas, primeiramente publicadas nas colunas do jornal dos padeiros, se irradiaram para outras antologias e, hoje, fazem parte do patrimônio poético do folclore nacional.

Provando que era inédita a quase totalidade da contribuição da Padaria Espiritual aos estudos folclóricos do país, acrescenta o estudioso Leonardo Mota (1938, p. 83):

Pondo de lado o que é encontrável em Sívio Romero (Cantos Populares do Brasil, 1883), tenho em consideração apenas os versos que, publicados n'O

Pão, figuraram em Rodrigues de Carvalho (Cancioneiro do Norte, 1903), Pereira da Costa (O Folclore pernambucano, 1908), Osório Duque Estrada (O Norte, 1909), Simões Lopes Neto (Cancioneiro Guasca, 1910), Carlos Góis (Mil quadras populares brasileiras, 1916), Afrânio Peixoto (Trovas brasileiras, 1919), Gustavo Barroso (Ao som da viola, 1921) e América do Brasil (Cancioneiro de trovas do Brasil Central, 1926).

O ineditismo das trinta e cinco quadrinhas pertencentes ao Cancioneiro Popular, publicado em *O Pão*, é uma prova de que a Padaria Espiritual muito realizou em benefício não só das letras cearenses, mas também das letras nacionais. Também é uma prova de que os padeiros eram firmes em seus propósitos e procuravam cumprir fielmente o “Programa de Instalação”.

Além da valorização da diversidade da cultura popular local, deve-se mencionar a original nomenclatura utilizada pelos padeiros: “Padaria Espiritual”, “Pão”, “Padeiros”, “Fornadas”, entre outros. Referindo-se a ela, escreve o historiador e crítico cearense Sânzio de Azevedo (1982, p. 126):

Se a alguns espíritos conservadores de São Paulo, em 1929, deve ter soado como ultra-revolucionário (*sic*) ou mesmo ridículo o fato de a Revista de Antropofagia haver-se apresentado em sua “2.^a dentição” (segunda fase), da qual Geraldo Ferraz figurava como “açougueiro” (Secretário), imagine-se então o que não devem ter pensado os espíritos conservadores de Fortaleza, em 1892, diante do surgimento de uma “Padaria Espiritual”, cujos membros eram “padeiros”, que se reuniam em “fornadas”, realizadas no “Forno”, isso para não falarmos do “Padeiro-mor”, do “Primeiro forneiro”, do “Segundo forneiro”, ou ainda dos “amassadores”, dos “padeiros-livres” e, enfim, do órgão na imprensa, *O Pão!*

Realmente, há muita semelhança entre os integrantes da Semana de Arte Moderna e os padeiros, pois se encontra, em ambos, o mesmo espírito renovador que procurava escandalizar, chocar, para, em seguida, apresentar, construir algo novo. Ambos, valorizando a diversidade cultural brasileira e primando, acima de tudo pelo “novo”, foram, nas suas respectivas épocas, as chaves que abriram as portas para uma nova mentalidade, não só na literatura, mas na arte em geral.

Paulo Mota (2002), jornalista da *Folha de S. Paulo*, em um artigo sobre o lançamento do livro *Padaria Espiritual – biscoito fino e travoso*, do historiador Gleudson Passos Cardoso, após comentar a feição inovadora da Padaria Espiritual, acaba por considerá-la uma sociedade pré-modernista. Para ele, “sequestrada pela história oficial da literatura” a agremiação cearense “de pendor maldito e feição pré-modernista” beirou o “gosto do biscoito fino modernista” que chegaria, oficialmente, 30 anos depois em São Paulo, na semana de 22. (MOTA, 2002, p. 03)

O artigo n.º 35 do Programa de Instalação da Padaria Espiritual determina que: “Logo que estiverem montados todos os maquinismos, a Padaria publicará um jornal que, naturalmente, se chamará – O Pão” (apud MOTA, 1938, p. 30). *O Pão*, órgão da espirituosa agremiação, que foi, a princípio, publicado na tipografia do jornal *O Operário*, teve seu primeiro número publicado no dia 10 de junho de 1892. Há um fragmento do livro *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, pertencente a Antônio Sales (1894, p. 15), que descreve o aparecimento do jornal:

Numa bela manhã de Junho do ano da graça de 1892, o “Forno” surgia aos olhos da população do Forte embandeirado, florido, pimpão e ruidoso como um viveiro de periquitos. Foguetes esfuracavam o ar, e uma banda de música trauteava polcas alegres. Os passantes paravam à nossa porta, e tudo quanto era janela da rua formosa apinhava-se de pessoas de todos os sexos e idades. Alguma coisa de extraordinário se passava no “Forno”... Curiosos acotovelavam-se a perguntar que diabo seria aquilo... Dentro em pouco rasgava-se o mistério aos gritos estridentes de meninos que apregoavam “O Pão”, cuja edição esgotou-se dentro de poucas horas.

O aparecimento de *O Pão* foi algo inédito na tranquila e pacata Fortaleza. Os padeiros chocaram a cidade e escolheram um dia propício (o domingo) para o lançamento de um jornal diferente, inovador. O interesse pelo jornal excedeu as expectativas dos integrantes da agremiação. A venda e também a divulgação dos números seguintes do jornal foram feitas pelos próprios padeiros e não por meninos, como havia ocorrido inicialmente. Aos domingos, eles se dirigiam ao Café Java, de posse dos exemplares, e os ofereciam a quem passava pelo local.

Assim como a agremiação, o jornal também teve duas fases. Na primeira, foram publicados os seis primeiros números que circularam de julho a novembro de 1894. Por intermédio do depoimento de Antônio Sales sobre o aparecimento de *O Pão*, é possível imaginar o espírito de zombaria que moveu os padeiros nessa primeira fase. Segundo o padeiro, o jornal “era menos o veículo literário da Padaria do que uma válvula para a pilhéria petulante que se fazia lá dentro”. (SALES, 1894, p. 15)

Apesar do humor com que Antônio Sales descreve o surgimento do jornal, o editorial com que ele se apresenta ao público no dia 10 de junho de 1892 parece bem conservador:

O leitor conhece os estatutos da Padaria Espiritual?

Naturalmente.

Então, já devia estar à espera do jornal que prometeu criar, com o nome de O Pão.

Ei-lo, com a mesma soma de direitos com que os outros seus colegas percorrem profusamente o mundo inteiro.

O seu programa é muito simples, transmitir ao leitor com a maior exatidão o que sente e o que pensa a Padaria Espiritual sobre tudo e sobre todos.

Não obedece absolutamente a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar; em compensação, de modo algum ameaça hostilizar.

Promete apenas uma coisa: dizer sempre a verdade, doa esta a quem doer. Não promete ser eterno; deseja, porém, viver o mais que for possível.

Por conveniência econômica de tempo e dinheiro, somente aos domingos se publicará O Pão.

É escusado, portanto, observar que não podemos absolutamente dispensar o seu auxílio, comprando por 60 réis um número de cada edição. (O PÃO, n.º 1, 1892, p. 1)

Em *O Pão* n.º 3, de 06 de novembro de 1892, há um artigo de Jovino Guedes que comenta o sucesso que teve o n.º 2. Diz o artigo:

O sucesso que teve o 2, n.º d' *O Pão* leitores, é, sem contestação alguma, o maior que tem tido até hoje a imprensa contemporânea, quer dizer a imprensa vazada nos novíssimos moldes da escola moderna. [...] Após um curto itinerário feito em torno da praça do Ferreira, instalou-se no Café Java. Fazendo ponto de reduto d'aquela popularíssimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avidez de faminto a todo simples mortal que passava d'aquelas dependências, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes "O Pão". E foi des'arte que duas horas depois... duas horas! ... achava-se completamente esgotada a edição de 2.496 exemplares do 2. n.º d' "O Pão". E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem oferecemos "O Pão" o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a exceção de dois burgueses que tiveram o inaudito desplane de o recusar; um pela imperiosíssima (*sic*) circunstância de não saber ler, outro por se achar muito azoinado (*sic*) de umas malditas homorróidas (*sic*). (O PÃO, n.º 3, 1892, p.1-2).

Nesse artigo está presente a nota humorística que irá aparecer na maior parte dos textos dessa primeira fase. Os outros trinta números, a começar pelo n.º 7, reaparecem no início de 1895, agora em tamanho maior e com a presença de um diretor, Antônio Sales, e um gerente, Sabino Batista (1868-1899). No primeiro número dessa nova série, isto é, o n.º 7, há um artigo inicial intitulado "Voltando", que assim se refere ao retorno do jornal:

Depois de uma ausência que muitos talvez já considerassem eterna, volta agora O Pão às pugnas da inteligência, e volta, como veem, mais crescido, mais circunspeto e mais forte.

A notícia de seu regresso despertou um movimento de simpatia no público cearense, ao qual não temos palavras bastantes para agradecer a boa vontade com que nos proporcionaram os meios precisos para que tivesse a nossa modesta mas operosa associação um veículo das suas produções, um registro dos seus esforços em prol do adiantamento literário de nossa terra.

Robustecida pela aquisição de novos obreiros, estimulada pelos aplausos que tem conquistado em todo o país, espera a Padaria Espiritual prosseguir honradamente na sua missão, juntando novos triunfos aos que já assinalaram a sua trajetória. (O PÃO, n.º 7, 1892, p. 1).

Leonardo Mota (1938, p. 80), referindo-se à segunda fase do jornal, comenta que:

Antônio Sales alardeava, cheio de otimismo, orgulhoso do passado, satisfeito com o presente, e crente no futuro d' "O Pão": – "Muitas das melhores penas brasileiras e algumas estrangeiras têm perlustrado as nossas colunas, onde figuram joias literárias de valor precioso e de valor real. Rara é a obra que aparece no Rio ou nos Estados que não nos seja oferecida por seu autor com dedicatórias honrosas. A remessa da nossa revista é vivamente solicitada por todas as sociedades literárias que se vão organizando e pelas publicações que surgem. Finalmente não nos tem faltado o calor da simpatia pública, nem motivos de satisfação para a nossa vaidade – um travo que toda gente tem, mas que nem toda a gente confessa ter, seja embora um sentimento nobre e legítimo, quando assenta em bases honestas. Seria, pois, ofensa a Deus o queixarmos da sorte. Mesmo porque isso de sorte é, o mais das vezes, o bode expiatório dos nossos erros".

Essas considerações de Antônio Sales sobre o presente próspero do jornal não se mantiveram por muito tempo, pois, logo após tais comentários, o jornal parou de circular durante oito meses, voltando à ativa no dia 15 de agosto de 1896, perdurando por apenas três meses, pois se finda em 31 de outubro de 1896.

As duas principais dificuldades que os padeiros encontraram para editar *O Pão* foram a falta de dinheiro e de tipografia. O jornal *O Operário* cedeu sua tipografia para que fossem impressos os dois primeiros números. Já o posterior, o terceiro, ficou três meses à espera de uma tipografia disponível. Os números 3 e 4 não apresentam o local em que foram impressos. O número 5 foi impresso na tipografia do jornal *O Combate*. Os números 6 e 7 não acusam tipografia. Do oitavo ao trigésimo foi responsável a Studart. Finalmente, os seis últimos números foram impressos pela Litografia Cearense. Essas impressões em tipografias diversas servem para denunciar as dificuldades pelas quais os padeiros passavam para publicar seu jornal.

No que se refere ao formato, os seis primeiros números (primeira fase) medem 17x28 cm e apresentam oito páginas divididas em duas colunas. Na segunda fase do jornal, iniciada com o número sete, o formato muda, passando a ser maior, medindo 21x31 cm, e cada página passa a ter três colunas. Na primeira fase, não há sumário e algumas seções não são intituladas. Já na segunda, a organização é maior, pois há um sumário e todas as seções são nomeadas, assim como os artigos que, além de terem um título, também apresentam o nome dos seus respectivos autores. As seções, mais de dez, são as seguintes: "Sabatina", de crônicas; "Os quinze dias", também de crônicas; "Carteira", comentários sobre os mais variados acontecimentos, transcrição de notas, etc.; "Bibliografia", comentário sobre livros recebidos pela biblioteca da agremiação; "Bolachinhas", de sonetos; "Malacachetas", de versos; "Confeitos", de contos; "Saco de ostras", de máximas e pensamentos; "A nossa correspondência", informação sobre as cartas recebidas; "Recados"; "Arquivo", notícias sobre os livros recebidos pela agremiação;

“Imprensa literária”, informação sobre as revistas enviadas à agremiação; e, “Cancioneiro popular”, transcrição de quadras populares resgatadas, no Estado, pelos padeiros.

Em certo momento da publicação do jornal, começam a aparecer anúncios. Nos seis primeiros números, eles ainda não aparecem. Mas do sete ao vinte, à exceção do dezessete que é todo dedicado à memória de Xavier de Castro, eles passam a ocupar as duas últimas páginas e, do trinta ao último número, eles desaparecem. Os anunciantes eram os seguintes: Aguiar (loja de moda), Estrela do Oriente (loja de moda), Preparados Medicinais Carlos de Miranda, Salão Ísidro (barbearia), As Novidades (artigos para uso doméstico), Oliveira Rodrigues (agente de leilões), Fenix Caixeiral (comércio em geral), Preparados Farmacêuticos A. Gonzaga, Grande Loja de Joias e Confúcio (comércio em geral).

Preocupados em divulgar suas ideias e obras e, ainda, impor-se socialmente, era natural que os padeiros tivessem um jornal que fosse porta-voz dos seus interesses. A intenção de publicar *O Pão* surgiu junto com a organização da Padaria Espiritual, pois era difícil conceber uma sociedade literária sem um jornal que divulgasse as ideias do grupo. No que se refere às suas produções, além de sanar os problemas relacionados com as dificuldades eventuais de edição da obra em volume, a publicação dos textos nas colunas do jornal também era uma interessante oportunidade que os padeiros tinham de lançar uma espécie de balão de ensaio, por meio do qual poderiam sondar a aceitação do público.

A contribuição literária de *O Pão* à literatura cearense foi muito vasta. Mais de duzentos poemas foram publicados nos trinta e seis números do jornal, e houve vários livros de poesia publicados nas colunas de *O Pão*. Na primeira fase, as quadras são maioria, ao passo que, na segunda, os poemas têm maior destaque e apresentam maior amadurecimento por parte dos seus autores. No final da segunda fase, os poemas são mais raros, perdendo seu espaço para os contos. Entre os homens de letras d'*O Pão*, publicaram poemas: Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Álvaro Martins, José Carlos Júnior, Lívio Barreto, Lopes Filho, Temístocles Machado, Sabino Batista, José Carvalho, Antônio de Castro, José Nava, Carlos Vítor e Xavier de Castro.

Muitos desses poetas também publicaram textos em prosa, melhor dizendo, foram, concomitantemente, poetas e prosadores: Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, José Carlos Júnior e José Carvalho. Houve padeiros que foram apenas prosadores, como é o caso de Roberto de Alencar, Ulisses Bezerra, Eduardo Sabóia, Cabral de Alencar, José Maria Brígido e Antônio Bezerra. Cerca de sessenta narrativas foram publicadas no jornal da agremiação. Diferente da primeira fase, em que os contos eram raros, a segunda caracteriza-se pela sua abundância – são muitos os padeiros que cultivam o gênero – e pelo início da publicação de fragmentos e capítulos de romance que, diferentemente dos contos, não teve muito espaço nas páginas do jornal. No campo da crítica também há muito o que colher em *O Pão*, pois é considerável o número de textos publicados. Destacam-se como

críticos os padeiros Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Sabino Batista e José Carlos Júnior.

O Pão se transformou em um forte meio de comunicação entre a sociedade e a intelectualidade. Por meio dele, o público leitor tinha a oportunidade de compartilhar opiniões e participar das discussões artístico-culturais e sociopolíticas da comunidade cearense e, ao mesmo tempo, sem que percebesse, tinha seu comportamento e opiniões observados pelos escritores.

A imprensa literária teve um papel primordial na difusão da literatura e no enriquecimento cultural do Estado, servindo à divulgação das obras de alguns dos destacados representantes da intelectualidade cearense daquele momento. O jornalismo literário foi uma alternativa às práticas jornalísticas então predominantes, ligadas a um caráter crítico-opinativo ou essencialmente noticioso, destinando espaço a diferentes manifestações culturais, fomentando o saber por intermédio de textos em prosa e verso, além de pensamentos e charadas.

Ao longo dos tempos, têm surgido grêmios que pretendem repetir os ideais da agremiação dos padeiros, houve uma Padaria Espiritual em 1913, outra na década de 50 e, por volta de 1998, outra, tendo à sua frente dois intelectuais da melhor categoria, Virgílio e Luciano Maia, que até voltaram a publicar o jornal *O Pão*. Apesar disso, Sânzio de Azevedo, referindo-se aos dois primeiros grêmios que procuraram reviver a associação, o de 1913 e o da década de 50, diz o seguinte: “Por mais louváveis que sejam os intuitos de reviver o velho grêmio, a verdade é que o grupo de Antônio Sales foi único, e surgiu num momento único da nossa história literária. Mesmo porque a originalidade, se repetida, deixa de ser original[...]” (AZEVEDO, 1982, p. 126). Realmente, a Padaria Espiritual foi extremamente original para a sua época. Ainda hoje, os estudiosos se surpreendem com o vigor dos seus padeiros, a modernidade de seu “Programa de Instalação”, a quantidade de textos literários publicados e o alvoroço que provocou em Fortaleza durante sua existência.

Recebido em 22/10/2012

Aprovado em 31/10/2012

NOTAS

¹ A Academia Francesa foi fundada em 1872, por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes e Tomás Pompeu Filho. Influenciada pelas inovações europeias do último quartel do século XIX movidas pelo progresso, ciência e tecnologia, a agremiação combateu os setores tradicionais da sociedade cearense, como a Igreja, e questionou questões complexas da

realidade da época como o atraso intelectual, o ajustamento social à ordem industrial-civilizatória oriunda dos países europeus, o progresso, o trabalho e a educação.

FONTE

O Pão. Fortaleza, 1892-1896.

REFERÊNCIAS

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Movimento literário do ano de 1893. *Obra crítica de Araripe Júnior* (Dir. Afrânio Coutinho) Vol. III. Rio de Janeiro: MEC-Casa de Rui Barbosa, 1963.

AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto no Ceará, 2002.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edésio, 1938.

MOTA, Paulo. Livro resgata confraria pré-modernista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 2002. Folha Ilustrada, p. 03.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SALES, Antônio. *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*. Fortaleza: Tip. d'A República, 1894.

VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e obra de Raimundo Correia*. Rio de Janeiro: INL, 1960.